

Ayrton Yuri Alves Souza

Psicanalista membro do Coletivo de Pesquisa Ativista Psicanálise, Educação e Cultura (CPAPEC) e Escola Psicanalítica da Escuta Periférica, Graduado em psicologia pela Universidade Nove de julho, Pós-Graduado em Saúde Coletiva com Ênfase em Saúde da Família pela Universidade Nove de Julho.

E-mail: Souza.ayrtonyuri@gmail.com

Romario Pires de Novaes

Professor de Língua Portuguesa, Doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Integrante do grupo de pesquisa LITERES-UFBA, Integrante do grupo de pesquisa LINDES-UFBA, Bolsista CAPES.

E-mail: romariopires@gmail.com

FROM COLONIAL NECROTECHNOLOGY TO THE CLAUSTROPHOBIC SYMPTOM IN THE CHARACTER STORM IN THE ANIMATED SERIES X-MEN'97

ABSTRACT:

Animated series employ a distinctive mode of narrating events, embedding within their construction socially produced values shaped collectively and permeated by beliefs, norms, prejudices, and ideologies. Accordingly, this article aims to analyze how the claustrophobia represented in the character Storm, in the animated series X-Men '97 (2024), expresses a symptom shaped by racial violence and structural racism that mark the mutant population. A Black woman and a mutant, Storm is traversed by multiple forms of necrotechnology —discourse, policies, and mechanisms enacted through weapons and instruments of control— which generate subjective confinement and symbolic erasure. Drawing on authors such as Fanon (2008), Lélia Gonzalez (2020), and Mbembe (2018a; 2018b), the study discusses racism as an operator of a cultural neurosis that inscribes on the Black body the marks of historical silencing. The research adopts a qualitative approach grounded in documentary analysis and discourse analysis, with a theoretical framework anchored in decolonial psychoanalysis and psychoanalytic psychosomatics, examining episodes 1 through 6 of the series. The symptom is understood as a formation of the unconscious that reveals, in the body, the transubjective effects of structural violence, positioning claustrophobia as a metaphor for the symbolic imprisonment imposed on racialized bodies.

Keywords: Decolonial psychoanalysis; Racism; Necropolitics; Violence; Prejudice.



1. INTRODUÇÃO

É necessário, portanto, considerar a raça como algo que se situa tanto aquém quanto além do ser
— Achille Mbembe.

As narrativas gráficas e/ou HQ's possuem um modo muito particular de desenvolver suas narrativas e interação com o leitor. Isso se dá pelo simples fato de que este gênero se utiliza da linguagem verbal e não verbal no transcorrer de suas histórias. Além disso, os quadrinhos são amplamente consumidos por um público que é fascinado por sua construção e estética. Porém, mais que um produto de entretenimento, as HQ's cumprem um papel social de agir sobre o sujeito reforçando crenças e valores instituídos socialmente, pois como afirma Dalbeto e Oliveira (2016).

[...] a sociedade contemporânea é altamente influenciada pela cultura que é veiculada pela mídia por meio de elementos audiovisuais. Esta cultura, denominada [...] de Cultura da Mídia, é capaz de definir a opinião política, os comportamentos sociais e, até mesmo, a construção da identidade de cada indivíduo. (p. 100).

Desse modo, as histórias em quadrinhos como produto, veiculado pela cultura da mídia de maneira massiva, ainda são tidas somente como um produto para o entretenimento, mas reafirmamos que nelas muitos discursos são construídos e permeados pelas ideologias sociais. Um exemplo disso é o quadrinho do X-men, cujas narrativas abordam a questão da diversidade por meio dos mutantes e o preconceito sofrido por esta categoria marginalizada.

Nesta perspectiva, o intuito deste artigo é analisar como o sintoma da claustrofobia, representada pela personagem Tempestade/Ororo Munroe, fruto da necrotecnologia colonial, é transcorrida na série animada X-men'97 lançada em 2024 pela Marvel no canal de streaming Disney+.

Para tanto, antes de aprofundar sobre esta questão, realizaremos um breve histórico do surgimento da personagem, bem como descreveremos o enredo de sua representação na série animada lançada na década de 90, mas ressaltamos que o nosso foco se centrará na série de 2024.

De início, a personagem Tempestade surge como integrante do grupo mutante denominado X-men, o qual tem como seu chefe/mentor, o professor Xavier, na revista em quadrinho Giant-Size X-Men #1 de 1975 (Dalbeto e Oliveira, 2016).

Paratanto, não podemos nos esquecer que, antes mesmo de ser a personagem-heroína do grupo mutante X-men, seu nome civil é Ororo Munroe, com nacionalidade americana, mas também possui a nacionalidade queniana, já que sua mãe era uma princesa africana.

Segundo Dalbeto e Oliveira (2016) Ororo muda-se com seus pais para o Cairo no Egito, porém uma tragédia acontece com a sua família sendo esta, a morte de seus pais mediante um conflito entre os árabes e os israelenses.

Ademais, a personagem é descendente de uma linhagem de feiticeiras, em que todas as mulheres possuíam os cabelos brancos e os olhos azuis. O seu poder mutante de controle sobre o tempo surge na sua adolescência, após vagar pelo deserto do Saara, momento em que suas habilidades são despertadas (Dalbeto e Oliveira, 2016). Assim, ao chegar na planície do Quênia, Ororo encontra a terra de seus ancestrais, lugar este em que passará um bom tempo, utilizando seus poderes para benefício da sua comunidade, sendo tida por todos como uma deusa, menção esta que também a fez acreditar que seria, mudando de ideário somente após ser recrutada pelo Professor Xavier para fazer parte do X-men.

Vale salientarmos, aqui, que Tempestade é uma personagem nível ômega, sendo esta nomenclatura utilizada para classificar os mutantes que chegaram ao nível máximo de extensão do seu poder. Com isso, seus poderes a livra de todo controle telecinético e telepático, não podendo ser controlada pelo Professor Xavier, e muito menos por sua amiga Jean Grey, os quais também são nível ômega.

Assim, mediante a notoriedade e aceitabilidade dos quadrinhos dos X-men, estes ganharam uma adaptação para a série animada, sendo a primeira série piloto, datada em 1989 com o título, X-men: *Pryde of the X-men* (Costa, 2024), composta de apenas um único episódio, o qual não foi adiante.



Já em 1992-1997, foi lançada a série *X-men: the animated series*, composta de cinco temporadas, sendo formada pela equipe inicial com Ciclope, Jean Grey, Wolverine, Vampira, Tempestade, Gambit, Fera, Morfo e Noturno (Filimas, 2024), os quais também aparecem na nova série que é uma continuidade da série lançada em 1992, sendo esta *X-men* '97.

A série (*X-Men* '97, 2024), atualmente conta com 10 episódios, sendo uma continuação da série lançada na década de 90. Dessa maneira, a série se inicia com os *X-men* sendo liderado por Ciclope, já que o professor Xavier os deixara para ir ao planeta Shi'ar buscar por cuidados médicos (Filimas, 2024).

Enquanto isso, na Terra, os *X-men* e todos os demais mutantes lutam por sua sobrevivência, já que estão sendo caçados para serem eliminados pelo Molde-mestre, Sinistro, Boliva Trask e os Sentinelas, todos controlados pelo Bastion, uma versão avançada de sentinela do futuro, chamado Nimrod (Mello, 2024), o qual exerce um controle sobre a (neco)tecnologia transformando pessoas em sentinelas para exterminar os mutantes.

Assim, como procedimento metodológico adotamos pela pesquisa documental de cunho qualitativo, pois estaremos analisando os episódios 1, 2, 3, 4, 5 e 6, os quais ficam evidentes a atuação/participação da personagem Tempestade na série animada aqui já mencionada.

Além disso, escolhemos duas categorias de análise que são presenciadas nos episódios escolhidos, sendo a primeira: a sequenciação narrativa em que a personagem vivencia seus conflitos interno por meio da claustrofobia, e a segunda categoria por meio das questões de raça e gênero que permeiam a construção identitária da personagem.

Este estudo é o de natureza qualitativa, com ênfase na pesquisa documental e análise do discurso. A pesquisa se concentra na análise de episódios selecionados da série animada *X-Men* '97, especificamente os episódios 1, 2, 3, 4, 5 e 6, nos quais se destacam a participação e o desenvolvimento da personagem Tempestade. A escolha desses episódios visa explorar como a personagem vivencia e expressa seus conflitos internos, especialmente relacionados à claustrofobia e às questões de raça e gênero que permeiam sua construção identitária.

Para a análise, foram selecionadas duas categorias

principais: a primeira, relacionada à sequenciação narrativa, a qual permite compreender como a claustrofobia se manifesta como um sintoma de conflito interno; a segunda, voltada para a abordagem das questões de raça e gênero, com o intuito de investigar como esses elementos influenciam e moldam a identidade da personagem ao longo da trama.

Além disso, a psicanálise será aplicada de forma integrada com teoria dos quadrinhos na observação dos elementos verbais e visuais (Vergueiro, 2010; Novaes (2022), permitindo uma interpretação mais abrangente e multidisciplinar do material em questão. Como sugere Visintin (2023), a utilização de métodos psicanalíticos pode ser combinada com outras perspectivas, como a análise de produções culturais e manifestações sociais. Esse método interdisciplinar possibilita uma análise contextualizada, considerando não apenas os aspectos psíquicos da personagem, mas também os elementos culturais, históricos e sociais presentes nas interações e nas narrativas da animação.

Desse modo, nosso foco se centrará em analisar como o colonialismo possui uma relação direta com a claustrofobia apresentada pela personagem Tempestade e como isso influencia na representatividade da coletividade social, uma vez que toda história narrativa dos quadrinhos possuem uma relação com o social, pois:

Os quadrinhos, tal como toda prática cultural, devem ser discutidos como uma atividade social que, construída socialmente – e com práticas de olhar e de consumo historicamente localizadas –, termina também por problematizar ativamente o seu tempo de forma original e heterogênea. (Gomes, 2014, p. 19).

E isso não é diferente com a série (*X-Men* '97, 2024), visto que a narrativa dos mutantes se passa em um contexto de preconceito e discriminação de uma classe social simplesmente por não pertencerem a uma classe hegemônica.

Desta forma, antes de darmos continuidade à discussão, faz-se necessário discorrer sobre as representações femininas nos quadrinhos, principalmente a representação dos corpos das personagens negras, sendo que Tempestade é uma heroína negra que possui uma representatividade significativa na equipe dos *X-men*, exercendo até mesmo a liderança do grupo.



2. A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS QUADRINHOS

As representações dos corpos femininos nos quadrinhos têm sido um dos temas mais discutidos ultimamente, justamente pelo fato de como esses corpos são representados e como eles criaram um coletivo imaginário do ser mulher nos quadrinhos. A exemplo disso, Oliveira (2007) nos apresenta três modelos representativos do ser mulher nas narrativas gráficas, sendo ela: a mocinha indefesa, a qual é uma figura subalterna ao herói, que tem a obrigação de protegê-la.

A heroína, que mesmo conquistando sua emancipação, ainda assim necessita da figura do herói para obter êxito em sua conduta, e a vilã, figura que representa a transgressão dos papéis femininos criadas pelo patriarcado (Novaes, 2022), já que estas possuem autonomia na sua conduta, mas, por outro lado, possuem seus corpos hipersexualizados.

Aqui, o que nos chama a atenção é que essas representações estão calcadas na figura da mulher branca, já que nos quadrinhos poucas são as mulheres negras que estão neste lugar de poder e ascensão social nas narrativas gráficas obtendo histórias próprias que são aceitas pelo público e comercializadas constantemente.

Sendo assim, Quiangala (2017) afirma que a representatividade da mulher na concepção de Oliveira (2007) exclui a existência das mulheres negras, as quais são objetificadas e silenciadas tanto pelo racismo quanto pelo sexismo, que as vêem como sujeito outro.

Para tanto, com relação à personagem Tempestade, corpus de nossa análise, há um outro viés, já que, por pertencer a um grupo de mutantes que trabalha com a questão da diversidade e que luta pela inserção das minorias na vida social, Tempestade acabou conquistando o público com a sua atuação na equipe dos X-men.

Com isso, ao pensarmos a representação da heroína negra (Tempestade), não podemos desconsiderar as marcações simbólicas exercidas pelo patriarcado eurocêntrico que definiu e ainda define os corpos das mulheres negras nos quadrinhos, os quais ainda são hipersexualizados, uma vez que, na era colonial, o corpo negro era tido como objeto de prazer, e essa

mesma perspectiva é reforçada quando representamos personagens negras com pouca vestimenta e com delimitações em suas indumentárias que demarcam o contorno de seus corpos, como o que acontece com a personagem Tempestade na série animada (X-Men '97, 2024).

Nogueira (2013, p. 29) afirma que “as personagens das histórias em quadrinhos materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas abrindo a possibilidade de se recriar e fundamentar modelos e saberes”. Na mesma lógica, Oliveria (2007, p. 143) ainda afirma que “o corpo feminino é idealizado para e com base no olhar masculino” que cria estereótipos do que deve ser o corpo feminino, uma vez que é pelo campo da visão que o controle sobre a sexualidade é exercido e por ela vamos construindo no coletivo da masculinidade o modo de representar os corpos das personagens femininas, inclusive os corpos negros.

Assim, Novaes (2022) reafirma ainda que a existência de uma dominação masculina tanto na produção de HQ's e séries animadas, quanto no consumo, reforçam a objetificação do feminino colocando-as no lugar de objeto ao masculino.

Desse modo, analisando os episódios iniciais da série (X-Men '97, 2024), temos a representação de duas identidades femininas: a de Tempestade e a da Ororo Munroe, ambas pertencentes à personagem em estudo. Na figura 1, a personagem Tempestade aparece assumindo a identidade de Ororo vestida com uma calça e uma blusa rosa, deixando demarcadas a parte dos seus seios. Nesta figura, temos o emprego do plano geral (Vergueiro, 2010) com Ororo sendo a personagem de primeiro plano, já que o foco está em detalhar o corpo negro da personagem.

Já em outro momento, na figura 2, assumindo a identidade da heroína Tempestade, as suas vestimentas hipersexualizam todo o seu corpo, fantasiando, assim, o modelo do ser mulher negra na narrativa seriada. Nesta imagem temos o enquadre vertical com destaque para a personagem, sendo a captura da cintura para cima, dando a intenção de uma visão superior sobre a personagem como podemos observar na figura 2.

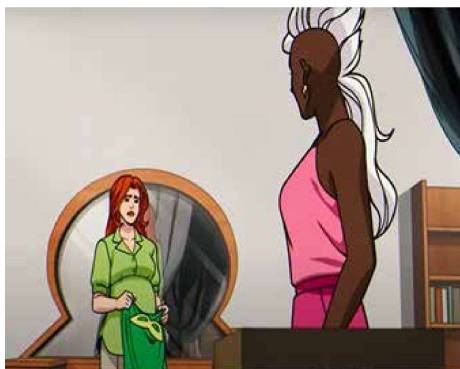


Figura 1. Jean e Tempestade conversando.
Fonte: X-MEN'97, 2024.

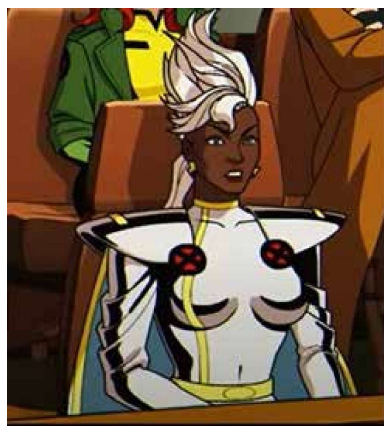


Figura 2. Tempestade no julgamento do Magneto na ONU. Fonte: X-MEN'97, 2024.

A partir dessa análise, observamos que, nas duas imagens extraídas da série X-men'97, os ângulos utilizados para realçar a feminilidade da personagem Tempestade é centrada no corpo objetificado pela masculinidade, sendo o destaque dado nas imagens a curvatura e exibição dos seus seios, pois, como afirma Quiangala (2017), ao se fazer a junção de raça e sexismo na representação de mulheres negras, estas são tidas como exotizantes e hipersexualizadas, sendo “atributos opostos ao do estandarte de masculinidade negra e da feminilidade-padrão: a da mulher branca” (Quiangala, 2017, p. 62).

Ainda analisando a figura 1, em relação à representatividade dos corpos femininos, podemos observar que, enquanto o corpo negro é hipersexualizado por meio das vestimentas, o corpo da mulher branca, sendo

representada pela personagem Jean Grey, que estando no período gestacional, ocupa o lugar de mãe socialmente construído, não lhe é concedido nenhum atributo em suas vestimentas que possam hipersexualizá-la, uma vez que, segundo Oliveira (2007), o corpo maternizado é desqualificado de qualquer configuração erótica.

Com isso, afirmamos que ainda há um padrão de representação sobre os corpos femininos, sejam elas vilãs, mocinhas ou heroínas, sendo que dentre os corpos, o negro ainda é hipersexualizado, reforçando um ideário colonial que objetifica o corpo negro. A exemplo disso, na figura 3, temos o enquadramento a utilização do enquadramento horizontal com a personagem centralizada demarcando a cena em que a personagem Tempestade passa pelo processo de retomada dos seus poderes, uma vez que havia perdido após o ataque sofrido por um homem branco (X-Men '97, 2024), que demarca a força colonial de controle sobre o corpo negro. Assim, ela reaparece com uma nova vestimenta que hipersexualiza ainda mais o seu corpo, como podemos observar na imagem abaixo.



Figura 3. Tempestade com sua nova vestimenta após recuperar os poderes. Fonte: X-MEN'97, 2024.

Desse modo, após a contextualização sobre a representatividade feminina nos quadrinhos, e exemplificadas como são as representações dos corpos negros, principalmente da personagem Tempestade, sobre a qual discutiremos novamente nas análises futuras deste artigo, nos deteremos em discutir sobre a necrotecnologia colonial e como o sintoma da claustrofobia representado na série (X-Men '97, 2024), opera como um dispositivo que reflete a opressão sofrida pelo negro no sistema branco-eurocentrico.



3. NECROTECNOLOGIA COLONIAL, CLAUSTROFOBIA & SINTOMA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A partir de uma articulação entre a crítica decolonial de Frantz Fanon (2008) e Lélia Gonzalez (2020), e a teoria da necropolítica desenvolvida por Achille Mbembe (2018a, 2018b), propomos que o sofrimento da personagem Tempestade se inscreve em um campo ampliado da violência colonial. Isso reflete um tipo de uma violência que não opera apenas pela exclusão direta ou eliminação física, mas também se atualiza por meio de dispositivos tecnológicos, estéticos e narrativos que sustentam uma lógica de extermínio. Sem dúvida, essa lógica, por sua vez, não se restringe à morte biológica, mas sim sob a forma de uma morte simbólica pelo apagamento, desumanização e o confinamento subjetivo dos corpos racializados.

Nesse contexto, a epígrafe de Mbembe (2018a) aponta para a necessidade de compreender a racialidade como um dispositivo de controle que se coloca em oposição ao Eu-rocêntrico, projetando o “Outro” como um sujeito a ser subordinado e colonizado. Ao refletirmos sobre essa ideia, podemos entender a construção da identidade de Tempestade, cuja condição de mutante e mulher negra a posiciona, metaforicamente, como esse “Outro” que se vê constantemente desumanizado, e, como tal, é marcado pela lógica colonial. A partir desse movimento, a necrotecnologia (Vaz, 2023) se torna um conceito relevante para entender como os corpos racializados, como o de Tempestade, são controlados, não só por aparatos físicos, mas por mecanismos simbólicos que operam em níveis sociais, relacionais e individuais.

Ademais, o conceito de necrotecnologia, desenvolvido por Jeferson da Costa Vaz (2023), surge como um desdobramento da teoria da necropolítica de Achille Mbembe (2018b) em articulação com as denúncias propostas por Fanon de um governo colonial que utiliza a tecnologia para fomentar a morte de populações nativas. Essa concepção teórica amplia a compreensão sobre as formas pelas quais o poder colonial moderno e contemporâneo administra

a morte e o sofrimento. Seu propósito é a produção sintomática do aniquilamento do Outro, seja ela em potência ou em sentido direto, resultando na inércia, na paralisação da vida ou no seu fim.

De acordo com Vaz (2023), a necrotecnologia deve ser entendida como uma extensão técnico-operativa do regime necropolítico, na medida em que articula tecnologias de controle e exclusão aos regimes de racialização herdados da colonialidade. À luz da discussão apresentada, podemos tratá-la como um modo de funcionamento do poder que se ancora em aparatos tecnológicos, como prisões, câmeras, algoritmos, armas e simbólicas e/ou como representações midiáticas, discursos científicos e normas sociais voltadas à administração e neutralização dos corpos racializados, especialmente os corpos negros.

Em X-Men '97 (2024), são exploradas diversas estratégias de controle da população mutante, como o “Ato de Registro de Mutantes”, um programa governamental voltado à identificação e neutralização de indivíduos com o gene-X e a utilização do colar neutralizador de poderes. Essa iniciativa conta com o uso dos Sentinelas, robôs gigantes desenvolvidos para caçar mutantes, destacando o impacto dessas medidas na narrativa (Filimas, 2024).

O uso da “necrotecnologia” (Vaz, 2023) por meio do ato de abjeção¹ se articula, assim, com a necropolítica de Mbembe (2018b), na qual a discriminação e o racismo, operando em um estado de exceção. A partir desse raciocínio, tal conduta se converte em fontes de legitimação para as violências perpetradas pelo Estado contra todos os que não se encaixam no humano universal eurocêntrico (Fanon, 2008), que passam a ser alvos de uma desumanização sistemática.

Mbembe (2018b) se apoiará na teorização foucaultiana para compreender um tipo de governamentalidade e gestão dos corpos que autoriza a legibilidade da morte. É a partir desse ponto que o autor amplia o conceito de biopoder e biopolítica, inaugurando as noções de necropoder e necropolítica. Sua análise desloca a ênfase da produção e da regulação da vida, foco principal do biopoder em Foucault, para

¹ Segundo Julia Kristeva, em *Poderes do Horror: Ensaio sobre a Abjeção*, o abjeto é aquilo que perturba uma identidade, um sistema, uma ordem simbólica — aquilo que não respeita limites, lugares ou regras, “A abjeção oscila, então, entre o *esvanecimento* de todo sentido e de toda humanidade” (Kristeva, 1982, p.17).



a gestão da morte como técnica política central na modernidade colonial e pós-colonial.

Examino essas trajetórias pelas quais o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, **o poder** (e não necessariamente o poder estatal) **continuamente se refere e apela à exceção, emergência e a uma noção ficcional do inimigo** (Mbembe, 2018b, p.128, grifo nosso).

Dentro dessa lógica, o racismo adquire um papel central na animação do (X-Men '97, 2024), funcionando como critério fundamental de separação entre os corpos “protegíveis” (humanos) e os corpos “matáveis” (mutantes). Nesse regime de necropolítica, a raça e o racismo desempenham o papel de tecnologias do biopoder, ocupando um “lugar de destaque na racionalidade inerente ao biopoder” (Mbembe, 2018b, p. 128). Essa racionalidade racializada sustenta o estado de exceção como norma, projetando o Outro, sobretudo o negro, o indígena, **o mutante**, o pobre, o periférico como inimigo em potencial, sempre ameaçador, e por isso passível de captura, exclusão ou eliminação.

Tanto o racismo quanto a hierarquização étnico-racial são pilares da colonialidade, que, sob a ideologia eurocêntrica, coloniza o imaginário e as representações culturais, transformando a raça em estrutura imaginária (Mbembe, 2018a). Portanto, é diante dessa racionalidade racial que se produz a lógica de um inimigo fictício, pois todos aqueles que não representam os padrões da branquitude eurocêntrica estão alheio ao repertório simbólico, ameaçando a construção identitária e social, são corpos-abjetos.

Na animação, conseguimos ver a construção desse “inimigo imaginário” no discurso de Boliva Trask no primeiro episódio: “Vocês, X-men podem usar seus dons para proteger a todos, mas só o que fazem é nos lembrar que nossos dias estão contados, que a humanidade em si é obsoleta. Vocês não têm ideia de como é ser deixado pra trás pelo futuro”. Assim, na figura 4, temos a utilização do plano visão superior, nos quais podemos observar o olhar do sentinela, e a forma como ele está projetado, demarcando este lugar de poder em relação aos mutantes, que é reforçada pela fala do Boliva Trask.

No segundo episódio, figura 5, foi empregado o plano

visão geral (Novaes, 2022) para dar ênfase a situação da narrativa, onde uma milícia humana especializada na caça de mutantes se dirige ao esgoto com o objetivo de capturar alguns humanos que ali residem e pronunciam: “Açam que pessoas normais conseguem dormir sabendo que demônios como vocês estão rastejando aqui embaixo?”. Nesse mesmo episódio e momento, Magneto, mutante nível ômega, surge para salvar os mutantes da milícia e pronuncia como a lógica da abjeção se opera: “Vocês humanos são muito baixos... negando até mesmo a indignidade do seu lixo a esses excluídos”.



Figura 4. Boliva Trask e seu aparato necrotecnológico (Sentinelas). Fonte: X-MEN'97, 2024.



Figura 5. A humanidade e seus abjetos — esgotos, mutantes e poderes que transcendem o Estado frente à ascensão da milícia civil. Fonte: X-MEN'97, 2024.

Em “Pele negra máscaras brancas”, Fanon (2008) conceitua essa estrutura de exclusão ontológica como a divisão entre “zona do ser” e “zona do não-ser”. A primeira corresponde ao espaço de reconhecimento pleno da humanidade, construído a partir da branquitude como medida universal, associados à racionalidade, linguagem, civilidade e liberdade. Já a “zona do não-ser” representa o território da desumanização, no qual habitam os sujeitos racializados, destituído de sua subjetividade e



reduzido a uma coisa. São corpos-abjetos. Em *X-Men '97* (2024), os mutantes, identificados como corpos abjetos (a ordem simbólica colonial), assumem o protagonismo heroico, subvertendo o modelo colonial de humanidade (Fanon, 2008) e produzindo resistência aos discursos, práticas e violência colonial, em busca de direitos cívicos básicos para existir no mundo.

Assim, uma vez definidos os conceitos de necrotecnologia, necropolítica e racionalidade racial (Fanon, 2008; Mbembe, 2018a; Vaz, 2021), que atravessam os corpos e se perpetuam no campo social, é indispensável refletirmos sobre o papel central da linguagem na transmissão e perpetuação do sintoma da neurose cultural colonial (Gonzalez, 2020; Fanon, 2008). A linguagem, enquanto ferramenta de comunicação e codificação simbólica, não apenas reflete as dinâmicas de poder estabelecidas pela colonialidade, mas também atua como um meio de internalização, sendo agora o corpo um território a ser colonizado pela linguagem.

Fanon (2008) ressalta em sua obra a relevância da linguagem nos processos relacionais, “uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33). Tal processo ocorre na medida em que o negro para existir para-o-outro precisa falar como branco, assim, negar ao mito do colonizado selvagem.

Desta forma, a linguagem, enquanto necrotecnologia, é operador “inicial” diante do desejo-alienante de existir, já que o campo simbólico e sua construção epistêmica está vinculada ao humano universal eurocêntrico. Assim, a amizade entre Tempestade e Jean Grey pode ser vista como um exemplo do processo da linguagem enquanto aparato tecnológico:

Assim que chegou a Nova York, a mutante ainda estava habituada ao comportamento de sua tribo africana. Não entendia, por exemplo, por que não poderia nadar nua na piscina do instituto. A relação com Jean ajudou a “civilizar” Tempestade aos costumes socialmente normatizados. Podemos identificar um discurso que talha a sexualidade da personagem em prol do modelo praticado e aceito

no seu novo contexto. Tempestade precisa deixar seu passado cultural de lado e se submeter aos costumes dominantes para ser aceita como membro do grupo (Dalbeto; Oliveira, 2016, p.112)².

A psicanalista brasileira Lélia Gonzalez (2020), em sua análise acerca do racismo no Brasil, conceberá o racismo como uma “Neurose Cultural”. Segundo Gonzalez (2020), o racismo se manifesta por meio do apagamento da linguagem e da figura da Mãe preta³ no período colonial e pós-colonial. Essa neurose cultural manifesta-se por meio de mecanismos de negação, comparáveis àqueles que o sujeito neurótico utiliza para esconder seus sintomas, obtendo assim certos benefícios ao se livrar da angústia de confrontar o recalcamento (Gonzalez, 2020). O recalcamento, portanto, atua na subjetivação dos corpos, inserindo-os em uma dinâmica de negação da verdade histórica e social.

Para analisar o processo de alienação da ideologia dominante e consciência, Gonzalez (2020) propõe uma dialética entre “consciência” e “memória”. A consciência é compreendida como o espaço do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até mesmo do saber (Gonzalez, 2020), sendo o local onde o discurso ideológico dominante se impõe, ocultando a verdade. Temos na mentira contada para Jean a submissão à ideologia dominante “Eu já me indaguei como seria ser humana” (*X-Men '97*, 2024) e a negação de sua identidade.

Em contrapartida, a memória é concebida por Gonzalez (2020) como um “não-saber que conhece”, um lugar de inscrições que possibilitam a restituição de uma história não escrita, onde a verdade emerge, ainda que estruturada como ficção. Assim, Gonzalez (2020) pontua que a consciência exclui o que a memória inclui, e enquanto a consciência se expressa como o discurso dominante que impõe uma suposta verdade, a memória, com suas astúcias, manifesta-se por meio dos sintomas, falhas e lapsos do discurso da consciência (Gonzalez, 2020). Essa dialética entre

² A constatação de Dalbeto e Oliveira (2016) é retratada nos quadrinhos, enquanto na animação analisada destaca-se apenas o forte vínculo entre as duas personagens.

³ A Mãe Preta exerce a função de ama de leite, de cuidadora, de (ba)bí, sendo ela responsável pela transmissão de valores, cuidados, crenças e a língua materna e da nomeação do pai, “E quando se fala de pai tá se falando de função simbólica por excelência (Gonzales, 2020, p.79).



o que é conscientemente negado e o que persiste na memória inconsciente é fundamental para compreender como o racismo, como sintoma, se inscreve e atua nos corpos, inclusive no de Tempestade.

Vemos a manifestação do discurso dominante aparecendo, nos minutos finais do episódio 4, após Tempestade cair do telhado, onde há uma coruja gigante representando um demônio, o qual pode ser compreendido como o “retorno do recaiado” da personagem Tempestade, marcados pela raça e gênero exercida pelo poder da branquitude e do patriarcado, uma vez que, em determinado momento o demônio transporta a Tempestade para um pântano sombrio com um rio de sangue e profere as seguintes palavras: “Vai viver. Decepcionada. Presa aqui e **atormetada**. Sofrendo, **desesperada**. Eu me deleito com a **tristeza**. E eu, o Adversário, não vou desperdiçar minha refeição.” (X-Men ‘97, 2024, **grifo nosso**). Neste discurso, o uso de adjetivos depreciativos demarca a opressão racial exercida pela branquitude sobre o corpo negro, em que podemos ver a personagem totalmente inerte, desfalecendo, o que reforça ainda o poder da linguagem enquanto necrotecnologia sobre estes corpos, como pode ser observado na figura 6.



Figura 6. O Adversário e a irrupção psíquica das violências racial e de gênero em Tempestade.
Fonte: X-MEN’97, 2024.

Para a personagem, o demônio mágico “Adversário” se apresenta como um eco de quem ela é, algo que ela precisou excluir, apagar de sua história, reproduzir e submeter-se aos temores coloniais, assim como pronuncia no episódio 6 “Você é apenas um eco de quem eu sou...” (X-Men ‘97, 2024). Temos na aparição e fala do Adversário (demônio) como a

materialização do “retorno do recaiado”, resultado do processo de repressão do desejo e da submissão ao ideário dominante: “Esteja atenta. Fique esperta. **Acredite na mentira. Negue seu poder**. Finja-se de morta, ou **a humanidade vai trovejar sobre você e sua raça**” (X-Men ‘97, 2024, **grifo nosso**).

A partir de uma perspectiva psicodinâmica, o sintoma pode ser compreendido como uma formação do inconsciente que emerge na interface entre corpo e linguagem, carregando um sentido que o sujeito desconhece. Etimologicamente, o termo deriva do grego e significa “o que se mantém junto”, remetendo à ideia de que o sintoma sustenta uma articulação — ainda que conflituosa — entre desejo e defesa.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud (1926) aprofunda essa concepção ao definir o sintoma como um indício e substituto de uma satisfação instintual que não aconteceu, sendo consequência do processo de repressão, que, ao mesmo tempo que protege o Eu de um desprazer maior, engendra uma satisfação que não pode ser plenamente integrada, sendo por isso vivida como sofrimento.

De acordo com Macêdo (2021), o sintoma é uma formação de compromisso, uma solução provisória que permite ao desejo encontrar uma via de satisfação, mesmo que parcial ou deformada, de modo a evitar o surgimento da angústia. Ou seja, uma formação do inconsciente estruturada na lógica da linguagem, em que desejos e afetos recaiados são expressos de forma indireta por meio de substituições e deslocamentos. O sintoma funciona, assim, como uma mensagem codificada — uma espécie de metáfora que se inscreve no corpo ou no comportamento — e que só pode ser compreendida a partir de um endereçamento para o outro, já que seu conteúdo não é acessível diretamente à consciência.

Fanon nos ajuda a compreender que a dimensão do racismo na formação dos sintomas opera pela corporeidade, “[...] é na corporeidade que se atinge o preto. É enquanto personalidade concreta que ele é linchado. É como ser atual que ele é perigoso.” (Fanon, 2008, p. 142). No Campo da psicossomática, o corpo não é meramente um repositório passivo de afecções, mas um território de inscrição de conflitos psíquicos não simbolizados.

Segundo Macêdo (2021), a psicossomática



psicanalítica compreende a formação do sintoma, na medida em que a experiência traumática ou de angústia ultrapassam as capacidades de simbolização do sujeito. Nessa linha de pensamento, o corpo entra em cena como palco de expressão, manifestando, de forma bruta, aquilo que não pode ser pensado, sonhado ou falado.

Nesse sentido, essa inscrição corporal do sofrimento que atravessa Tempestade pode ser aprofundada à luz da psicossomática psicanalítica, que compreende o sintoma não apenas como um fenômeno clínico, mas como uma resposta subjetiva à falha na simbolização. A claustrofobia na personagem Tempestade não se reduziria à fobia de espaços fechados, mas aponta para uma vivência de enclausuramento subjetivo e apagamento do self, onde o corpo se torna a única linguagem possível para narrar uma história de violência que a linguagem verbal não deu conta de elaborar.

Enquanto metáfora, a claustrofobia traduz o esforço do psiquismo de Tempestade em lidar com o trauma da violência racial. Seus sintomas manifestam-se após ela ser atingida por um aparato necro-tecnológico — uma arma de projétil laser capaz de alterar o Gene-X, eliminando os poderes mutantes, durante o julgamento de Magneto na ONU durante o episódio 2 (X-Men '97, 2024). A perda dos poderes da personagem provocada pela arma, não é apenas um evento biológico; ela representa um ataque direto à sua identidade, à sua capacidade de agir e ser no mundo e à sua conexão com o meio, gerando um impacto que se traduz em sintomas no corpo.

Nesse sentido, não seria apenas uma reação fóbica a um espaço físico, mas também a externalização de um aprisionamento subjetivo, de um excesso pulsional do outro, que visa apagar aquilo que a definia como sujeito. Assim como Tempestade apresenta em seu diálogo com demônio no episódio 6 “Não, demônio! **Esse não é meu sonho...** O neutralizador do Executor X não era a única arma minando meus dons. **Havia uma mentira! E eu acreditei nela!**” (X-Men '97..., 2024, **grifo nosso**) em resposta de seu último encontro com o Adversário, no início do episódio 6, onde ele pronuncia: “Como você disse para Jean. Você se perguntou como seria ser humana. **Era um sonho muito tentador [...]** achei que você não quisesse seus dons. Mas você já tinha renunciado a eles!” (X-Men '97..., 2024, **grifo nosso**).

Ainda no episódio 6, podemos ver que enquanto Tempestade dá um pouco de água a Forge, o Demônio reaparece novamente questionando-a sobre a sua existência e até sugerindo que ela deixe Forge morrer, porém, neste mesmo momento Tempestade demonstra-se empática com a situação e decide ajudá-lo, demarcando, assim, a sua consciência racial, uma vez que Forge também é uma vítima do colonialismo que o oprimiu.

Nesta mesma sequenciação narrativa, após não ceder à vontade do demônio que a queria clausurar no seu sofrimento, Tempestade é transportada para outro plano, sendo aprisionada em um caixão, onde a claustrofobia reaparece como um sintoma do desespero da opressão sofrida, a qual pode ser correlacionada com as opressões da branquitude que a todo instante coloca a vivência do negro em questionamento, fazendo-o duvidar da sua própria história e existência.



Figura 7. Tempestade aprisionada em um caixão: a opressão da branquitude. Fonte: X-MEN'97, 2024.

Conforme a trama avança, percebemos o desenvolvimento de um vínculo entre Tempestade e Forge, no qual ocorre um processo de identificação cruzada (Winnicott, 2019). Esse vínculo permite que a personagem se coloque no lugar de Forge, assim como, Forge se coloque no lugar de Tempestade, emprestando e compartilhando parte de suas histórias.

Durante a conversa, antes do confronto com o Adversário, Forge afirma: “quando criança, eu ouvia que **a pior arma usada pelos europeus** não eram suas balas, **mas a mentira branca de que eles poderiam...**” (X-Men '97, 2024, **grifo nosso**),



sua fala é interrompida por uma crise de dor e tosse persistente. Esse comentário de Forge, ao abordar a ideia da **“mentira branca” como uma ideologia dominante**, atravessada pela necrotecnologia direcionada aos mutantes (como Tempestade) e seus aparatos tecnológicos, sugere que o sofrimento de Tempestade pode encontrar um destinatário capaz de representar em palavras os sintomas, psicossomáticos, vivenciados pela personagem. Sob essa perspectiva Tempestade se identifica com a história de Forge e consegue assimilar as violências que atravessaram seu corpo, podendo, assim, se conectar com sua memória, recuperando seu senso identitário, se autorizando-se em seu desejo “Ser mutante” e recuperando seus poderes. Diante disso, encontramos, nessa relação, aquilo que a personagem já havia mencionado na carta de despedida para Jean no episódio 2:

Jean, minha irmã... [...] **É da natureza humana buscar conexões**, assim como também é da **natureza mutante ser ouvida**, ser vista. Sentir que outra alma finalmente esta vendo a sua. [...] Mas acredite que valorizarei o que compartilhamos como X-men, lembranças que já sinto que foram de uma outra vida. A vida de uma outra mulher... ou o sonho de uma outra pessoa... Com amor, Ororo (X-Men ‘97..., 2024, **grifo nosso**);

Ao fim do episódio 6, Tempestade relata uma certa gratidão ao demônio. Afinal “O que são demônios além de reflexos de nossos medos e vergonha, coisas que enterramos dentro de nós, que escondemos de nossos amados mesmo que envenenem nossos corações, até que finalmente curamos o nosso adversário aceitando ele” (X-Men ‘97, 2024). Ressaltando como a “mentira branca” e o excesso pulsional causado pelo disparo da arma em seu corpo, fizeram Tempestade sentir medo e vergonha, recalcando — escondendo seus sentimentos e desejos para si e para o outro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enredo apresentado pela animação (X-Men ‘97, 2024) oferece uma narrativa ampla sobre os efeitos da racionalidade racial e o sofrimento enfrentado pela população mutante, como nos apresenta a personagem Tempestade. A partir das manifestações claustrofóbicas

da personagem e de sua interação com o ambiente, torna-se essencial compreender seus sintomas não apenas sob uma perspectiva individualizante, mas também, como um sofrimento psíquico da produção política.

Nesse sentido, a articulação dos conceitos de necropolítica (Mbembe, 2018b), necrotecnologia (Vaz, 2023) e a crítica decolonial de Fanon (2008) e Lélia Gonzalez (2020), demonstra como o corpo mutante (negro), representado pela heroína Tempestade, torna-se um território alvo a ser colonizado por uma lógica de extermínio que opera pela desumanização e pelo confinamento subjetivo.

Ampliamos a noção de escuta, diagnóstico e análise para um campo onde o indivíduo é atravessado pelo social, e não meramente por instâncias de seu psiquismo. Vemos na sintomatologia e diálogos de Tempestade, uma profunda inscrição psicossomática das violências coloniais e do racismo estrutural, em que sua experiência do enclausuramento não se limita a um espaço físico, mas traduz um sentimento de apagamento identitário, em que a perda dos poderes é também a perda de si.

A jornada de Tempestade, culminando no processo de simbolização da “mentira branca” e na possibilidade de simbolizar seu sofrimento através das interações com Forge, aponta para a potência da memória e da linguagem como vias de resistência contra a neurose cultural do racismo-colonial (Gonzalez, 2020). A construção de significados ocorre de maneira intersubjetiva, com a linguagem desempenhando um papel central como elo para o compartilhamento de símbolos. Esse processo permite novas formas de interpretar o mundo, promovendo uma reconfiguração das narrativas históricas.

Este estudo reforça que as narrativas de entretenimento, como as séries animadas, são campos férteis para a análise crítica das ideologias sociais, oferecendo tanto um espelho das opressões sistêmicas quanto um espaço para a projeção de subjetividades marginalizadas em busca de autonomia e ressignificação de sua existência. Assim como as conversas entre Tempestade e Forge, a animação pode ser uma via de encontro subjetivo, onde o espectador pode, por meio da experiência cultural (Winnicott, 2019), se identificar com o simbolismo posto, dando vazão à sua depleção simbólica (Minerbo, 2007).



A experiência cultural, conforme preconiza Winnicott (2019), situa-se no espaço potencial — uma área intermediária entre a realidade psíquica interna (mundo interno) e a realidade externamente percebida. É nesse espaço transicional que se constituem o brincar, a criatividade, as relações objetais e a construção simbólica da realidade, mediadas pela presença de um outro — seja uma pessoa ou a própria cultura.

Diante disso, podemos compreender que o apagamento simbólico e o epistemicídio produzidos pela violência colonial atingem justamente esse espaço, comprometendo as funções simbolizantes do aparelho psíquico. Nesse sentido, Minerbo (2007) propõe a noção de depleção simbólica, entendida como um esvaziamento das referências simbólicas e dos elementos culturais que sustentam a identidade e a subjetivação. Trata-se de um tipo específico de sofrimento psíquico que, ao enfraquecer a função simbolizante, afeta a constituição do eu e se manifesta como desamparo identitário, um sofrimento-narcísico-identitário.

Ressaltamos também que as representações de personagens femininos negras nos quadrinhos e animações reforçam estereótipos coloniais, na medida em que seguem objetificando e hipersexualizando corpos femininos-negros (Gonzalez 2020; Oliveira, 2007). Vemos aqui uma forma explícita da necrotecnologia (Vaz, 2023) a serviço do patriarcado colonial, delineando o imaginário desses corpos (Mbembe, 2018b) e perpetuando na coletividade uma representação enviesada de uma personagem feminina

REFERÊNCIAS

- COSTA, Kelvin Leão Nunes da. Conheça todas as séries animadas baseadas nos X-Men e onde vê-las online. **Olhar Digital**. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2024/05/28/cinema-e-streaming/conheca-todas-as-series-animadas-baseadas-nos-x-men-e-onde-ve-las-online>>. Acesso em: 4 out. 2025.
- DALBETO, Lucas do Carmo; OLIVEIRA, Ana Paula. Como uma Deusa: considerações acerca da representação da mulher negra nas HQs de superaventura. **Intexto**, n. 35, p. 97–118, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/54934>>. Acesso em: 4 out. 2025.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.
- FILIMAS, João. **X-Men '97**. Omelete. 2024. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/marvel-comics/x-men-animacao-original-recap>>. Acesso em: 4 out. 2025.
- FOSS, Jean Carlos. **X-Men '97: é preciso assistir o desenho antigo antes da nova animação?** TecMundo. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/281219-x-men-97-preciso-assistir-desenho-antigo-nova-animacao.htm>>. Acesso em: 4 out. 2025.
- FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia. In: Obras Completas: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) / Sigmund Freud**. Tradução Paulo César de Souza. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014, p. 13–26.
- GOMES, Ivan. Uma vida para os quadrinhos: Moacyr Cirne e sua interpretação marxista para as histórias em quadrinhos no Brasil. **Revista História & Luta de Classes**, [S. l.], n. 18, p. 17-21, set. 2014. Disponível em: <<http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/c2a767ada1465b63bde2dc9f9924d3e069f92c53>>. Acesso em: 04 out. 2025.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Por um feminismo afro-latino-americano: **Ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020, p. 67–83.
- KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: An essay on abjection**. Trad. Leon S. Roudiez. Nova Iorque, NY, USA: Columbia University Press, 1984.
- MACÊDO, Kátia Barbosa. Corpo e sintoma no paciente somatizador: uma visão psicodinâmica. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 24, n. 2, p. 1–11, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142021002002>>.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad.



Sebastião Nascimento. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018a.

_____, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018b.

MELLO, André. **Quem é Bastion, a nova grande ameaça de X-Men '97?** Canaltech. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/series/quem-e-bastion-a-nova-grande-ameaca-de-x-men-97-286837/>>. Acesso em: 4 out. 2025.

MINERBO, Marion. **Ser e sofrer, hoje**. Ide, v. 35, n. 55, p. 31–42, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&rm=iso>. Acesso em: 4 out. 2025.

NOGUEIRA, Natania A. S. Jackie Ormes: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). **Identidade!**, v. 18, n. 1, p. 21–38, jan-jun 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/649/670>>. Acesso em: 4 out. 2025.

NOVAES, Romário Pires de. **A representação da identidade feminina da personagem Arlequina na construção dos quadrinhos da DC Comics**. UFBA, Universidade Federal da Bahia, 25-Mar-2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/41938>>.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias, 1895–1990**. Brasília: Editora UnB, 2007.

QUIANGALA, Anne Caroline. **A fantasia deles sobre nós: a representação das heroínas negras nos quadrinhos mainstream da Marvel**. Dissertação

(mestrado)—Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2017, Brasília, 6-Jun-2018. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/32061>>.

VAZ, Jeferson da Costa. A necrotecnologia como uma dimensão da necropolítica: Entre Fanon e Mbembe. **METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos**, v. 4, n. 1, p. 83–96, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/58141>>. Acesso em: 4 out. 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio (org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 31-64.

VISINTIN, Carlos Del Negro. **Articulações entre pesquisa qualitativa e psicanálise**. Revista Eletrônica FACP, n. 24, 2023. Disponível em: <<https://revistaunifacp.com.br/revista/index.php/reFACP/article/view/109>>, acessado em 11 de novembro de 2025.

X-Men '97: 1. Direção: Jake Castorena et al. Roteiro: Beau DeMayo; Elenco: Ray Chase; Jennifer Hale; Alison Sealy-Smith; Cal Dodd; Lenore Zann; George Buza. Estados Unidos: [Marvel Studios Animation], 2024, 10 episódios (ca. 300 min). Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-8dc91ed4-cdca-4fab-9723-d3d42f382d34>. Acessado em: 25 maio 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2020.

Como citar este artigo:

SOUZA, Ayrton Yuri Alves. NOVAES, Romario Pires de. Da necrotecnologia colonial ao sintoma claustrofóbico da personagem Tempestade na animação X-men '97. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.7, n.11, jan.dez. 2025.